

## Interdisciplinaridade, transversalidade e tecnologia: diálogo sobre a prática pedagógica na educação física escolar

Interdisciplinarity, transversality and technology: a dialogue about the pedagogical practice in physical education at school.

João Paulo de Oliveira FARIA \*  
Georgia Regina Rodrigues GOMES \*\*

**RESUMO:** A Educação Física (EFI), enquanto disciplina curricular obrigatória na educação básica, abre espaço para uma proposta pedagógica que ultrapassa a visão meramente tecnicista de ensino, tão comum até os dias de hoje. O presente ensaio acadêmico trouxe à baila a possibilidade de propor pensamentos sobre práticas pedagógicas que, mediada pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), possibilitam um olhar interdisciplinar e transversal sobre os temas da “cultura corporal de movimentos”, coadunando para a promoção e a democratização de diferentes saberes desta área de conhecimento. Para tanto, sugere-se que: 1) os Professores de EFI compreendam que esta área de conhecimento influencia e é influenciada por diferentes campos de conhecimentos, tais como: a biologia, a antropologia, a psicologia, a cinesiologia etc; 2) as práticas corporais são tematizadas, organizadas e determinadas culturalmente e, por isso, precisam ser pensadas por um viés transversal, no qual temas da sociedade são percebidos num atravessamento social de emergência e por fim; 3) as Tecnologias de Informação e Comunicação, bem como os espaços interativos de aprendizagens, podem ser estratégias interessantes para desenvolver boas práticas pedagógicas interdisciplinares no contexto da EFI na escola.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Física Escolar. Interdisciplinaridade. Transversalidade. Tecnologia de Informação e Comunicação.

**ABSTRACT:** Physical Education, as a compulsory curricular subject in basic education opens space for a pedagogical proposal that goes beyond the merely technical view, which is so common until today. This academic essay brought up the possibility of proposing thoughts on pedagogical practices that, mediated by Information and Communication Technologies (ICTs), enable an interdisciplinary and transversal look at the themes of “body culture of movements”, contributing to the promotion and democratization of different knowledge in this area. Therefore, it is suggested that: 1) PEI (Physical Education I) teachers understand that this area of knowledge influences and is influenced by different fields of knowledge, such as: biology, anthropology, psychology, kinesiology etc.; 2) corporal practices are themed, organized and culturally determined, and, therefore, they need to be thought through a transversal bias, in which themes of society are perceived in an emergency social crossing; and finally, 3) information and Communication Technologies, as well as interactive learning spaces, can be interesting strategies to develop good interdisciplinary pedagogical practices in the context of PEI at school.

**KEYWORDS:** School Physical Education. Interdisciplinarity. Transversality. Information and Communication Technology.

\* .Mestre em Ensino pela Universidade Federal Fluminense, <https://orcid.org/0000-0002-7008-8568>, [jpfaria25@hotmail.com](mailto:jpfaria25@hotmail.com).

\*\* Doutora em Informática pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professora Adjunta da Universidade Federal Fluminense-INFES, <https://orcid.org/0000-0003-0907-9838>, [georgiagomes@id.uff.br](mailto:georgiagomes@id.uff.br).

## Introdução

A Educação Física (EFI), enquanto disciplina curricular obrigatória na educação básica, necessita estar inserida na proposta pedagógica da escola, pautando-se nos princípios da inclusão, da diversidade e da alteridade de seus conteúdos. Desta forma, este ensaio traz à baila a possibilidade de re(conhecer) e apresentar uma proposta de pensamento interdisciplinar e transversal, apoiada em estratégias e ações com foco no uso da tecnologia e nos ambientes virtuais de aprendizagens, para conversar com os conteúdos que permeiam os temas da cultura corporal: jogos e brincadeiras, esportes, lutas, danças, ginásticas e práticas corporais de aventura (*Parkur, Slachline, Skate, Patins* entre outros), tematizados nas aulas de EFI nos dias atuais.

As unidades temáticas da Educação Física, segundo a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) são denominadas de Práticas Corporais que são codificadas e decodificadas pelos homens ao longo dos anos. São entendidas como manifestações corporais e expressivas produzidas pelos homens com sentido cultural e antropológico. A referida organização curricular apresenta os seguintes eixos temáticos: Jogos e Brincadeiras, Esportes, Lutas, Danças, Esportes, Ginásticas e Práticas de Aventura (BRASIL, 2017).

Segundo Valente (1998), pensar uma *práxis* pedagógica mediada pelas tecnologias com um viés interdisciplinar e transversal se configura como uma interessante discussão para prática pedagógica contextualizada, pois percebe-se que as estratégias adotadas por muitos professores de EFI ainda se baseiam exclusivamente na aplicação de conteúdos, avaliações, objetivos e metodologias tradicionais, tecnicistas e relacionadas apenas ao “saber fazer” apreendidos nos cursos de Formação Docente desta categoria. Neste cenário, as dimensões conceituais e atitudinais, bem como o pensamento interdisciplinar e transversal, são categorias desconsideradas e quase inexistentes no ensino deste campo do conhecimento trabalhado pela escola.

Nessa senda, o uso da tecnologia e as práticas pedagógicas interdisciplinares podem servir como referência para se (re)pensar o processo de ensino e aprendizagem com foco na promoção e na democratização dos saberes presentes no universo da cultura corporal, articulando os aspectos biológicos, sociais, psicológicos e culturais dos estudantes presentes nas práticas corporais sistematizadas e assistemáticas da (na) humanidade que em suas diversas formas de codificação e significação social, podem ser estudadas para além do viés biofísico (DARIDO, 2005).

A EFI, enquanto disciplina curricular obrigatória na educação básica, apresenta significativa contribuição para uma formação integral dos discentes. Sugere-se uma proposta pedagógica que ensine para além das quadras, dos campos, dos tatames, das traves e dos aparelhos ginásticos. Esta “área do conhecimento” deve estar preocupada com o bem do planeta e atenta às transformações contemporâneas e tecnológicas vivenciadas pela sociedade no que diz respeito à evolução da cultura corporal de movimentos. Sua organização pedagógica não precisa ser vista apenas sob a ótica de transferência de conhecimentos, mas que proporcione aos alunos um entendimento crítico sobre o que estão assimilando, valorizando a contextualização dos fatos da realidade, dos valores humanos, do respeito às diferenças entre os pares e do resgate histórico dos conteúdos (BRACHT *et al.*, 1992).

A EFI escolar atualmente reconhece a necessidade de ser concebida de forma plural, articulando os seus conhecimentos com outros temas emergentes nas sociedades atuais, tais como: ética, pluralidade cultural, trabalho e consumo, meio ambiente, saúde, diversidade cultural, tecnologia, gênero etc., e, com isso, proporcionar aos alunos um entendimento crítico que valorize o contexto social, humanitário e cultural do país e das comunidades em que os alunos estão inseridos. A EFI, nessa perspectiva, vai muito além das quatro linhas de uma quadra. Ela está presente no dia a dia de um povo, em toda a ação motriz, em cada passo do ser humano, em cada expressão corporal. Com esta discussão, pode-se inferir que a EFI não pertence apenas às matrizes biológicas, mas encontra-se contextualizada pelos vieses culturais, sociológicos, filosóficos, psicológicos e linguísticos (NEIRA, 2016).

Para Oliveira (2004), a EFI existe em função do homem, enquanto ser individual e social, sendo assim, entende-se que o indivíduo como um todo, nas suas várias formas de se relacionar com o mundo, tem no movimento corporal a sua maneira mais genuína de expressar-se. Desde muito cedo o ser humano desenvolveu o seu lugar epistêmico também na motricidade, seja para sobreviver, exercitar-se, na busca pelo lazer, para cultos religiosos e até mesmo uma pedagogia pelo movimento que se ocupou no ensinamento dos conhecimentos da vida diária. O movimento humano carrega funções simbólicas e subjetivas que as ciências exatas e biologicistas por si só não dão conta. O diálogo com outras áreas do conhecimento como a filosofia, a antropologia, a sociologia e a própria psicologia atravessam as teorias puramente cartesianas que veem o corpo enquanto máquina abrindo espaço para perspectivas holísticas e plurais.

Assim, entende-se que as práticas corporais (Jogos e Brincadeiras, Esportes, Lutas, Danças, Ginásticas, Práticas de Aventuras) ganham relevância quando são vivenciadas, analisadas e pensadas partindo de investigações interdisciplinares e transversais, tendo na tecnologia uma forte aliada para a promoção e divulgação dos saberes da cultura corporal de movimentos (NEIRA, 2016).

No texto de Betti e Zuliani (2002, p. 75), são dadas à EFI novos objetivos sobre a sua prática pedagógica:

A Educação Física deve assumir a responsabilidade de formar um cidadão capaz de posicionar-se criticamente diante das novas formas da cultura corporal de movimento... A Educação Física enquanto componente curricular da Educação Básica deve assumir então uma outra tarefa: introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la.

É comum que projetos, sequências pedagógicas e planejamentos didáticos partam de referenciais comuns e relacionados (elo, similaridade, ponto de partida, tema gerador) para organizar seus conteúdos, elaborarem seus objetivos, selecionarem os recursos, definirem os métodos de ensino e até mesmo seus instrumentos de avaliação. Neste texto, também objetiva-se apresentar as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e os ambientes da Cibercultura - a forma sociocultural que advém de uma relação de trocas entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias graças à convergência das telecomunicações com a informática como elementos integradores no/do ensino, ou melhor, nos experimentos e vivências das práticas corporais nas aulas de EFI com vistas às perspectivas interdisciplinares e transversais, bem como ideias que combatem a fragmentação dos saberes, tão comuns no ensino de hoje (TEDESCO, 2004).

## **2 Pressupostos teóricos**

A escola tem por função primordial a socialização dos conhecimentos historicamente produzidos ao longo dos tempos. A EFI, como disciplina e componente curricular, está vinculada a esta finalidade e deve, portanto, garantir: a) a socialização e a democratização dos conhecimentos sobre a realidade envolvendo a cultura corporal; b) o enraizamento cultural dos educandos a partir das atividades relacionadas à expressão corporal (PICCHETTI, 2010).

Chama atenção na referência supramencionada, o uso do termo “disciplina” que será utilizada adiante aglomerando o prefixo “inter”, assumindo um sentido semântico totalmente oposto e paradoxal. Todo modo, primeiramente cabe apresentar uma definição do termo

“disciplina” que acompanha quase sempre a área de conhecimento escolar denominada: “educação física”.

Durante muitos anos, e empregado até hoje, o termo “Disciplina” foi/é usado como sinônimo de “matéria” ou “componente curricular” referindo-se às diversas áreas de conhecimentos que compõem o currículo escolar brasileiro. Citando Fazenda (2011), disciplina representa para a organização escolar um aglomerado de conhecimentos específicos, com suas determinadas características sobre o planejamento do que será ensinado, dos conteúdos, técnicas e matérias.

Corriqueiramente, o que ocorre é que as instituições de ensino possuem currículos escolares alicerçados em disciplinas desarticuladas umas das outras, cada uma com seu saber específico de uma área de conhecimento, sem conexões com os demais saberes da vida humana, sem a preocupação em partilhar, relacionar, interagir e complementar-se. Como bem preceitua Morin (2003), a disciplina nasce de um conhecimento externo, de um conhecimento e de uma reflexão interna sobre si mesma, não bastando, portanto, estar por dentro de uma disciplina para conhecer todos os problemas aferentes a ela.

Edgar Morin, (2003) conhecido como o arquiteto da Teoria da Complexidade, propôs a religação dos saberes com novas concepções sobre o conhecimento e a educação. O referido autor, a partir das mudanças profundas que ocorreram em escala mundial nas últimas décadas do século 20, entre elas o avanço da tecnologia da informação, a globalização econômica e o fim da polarização ideológica entre capitalismo e comunismo nas relações internacionais, trouxe à tona a necessidade de se repensar a forma com os saberes culturalmente tratados pela escola estavam sendo trabalhados. Com isto, ficou evidente que a maior urgência no campo das ideias não era rever doutrinas e métodos, mas elaborar uma nova concepção do próprio conhecimento rompendo com a ideia fragmentada de conhecimento.

Para Morin (2003, p. 12),

Devemos, pois, pensar o problema do ensino, considerando, por um lado, os efeitos cada vez mais graves da compartimentação dos saberes e da incapacidade de articulá-los, uns aos outros; por outro lado, considerando que a aptidão para contextualizar e integrar é uma qualidade fundamental da mente humana, que precisa ser desenvolvida, e não atrofiada).

A tentativa neste texto também é trazer a discussão para o cenário nefasto que assola o ensino e as experiências no campo epistemológico da EFI na escola. Para tanto, apoiando-se ainda nos dizeres de Morin (2003), toma-se como ponto de partida a seguinte reflexão para se pensar as práticas pedagógicas da área supramencionada: “A reforma do ensino deve levar à

reforma do pensamento, e a reforma do pensamento deve levar à reforma do ensino” (MORIN, 2003, p. 20).

Ainda Sobre Morin (2003), em sua defesa da “relição dos saberes”, uma inquietação importante permeou os seus estudos: o fato de a tecnologia permitir um acesso inédito às informações. Segundo o autor, o mundo, a partir dos ambientes da cibercultura não seria mais o mesmo, pois o acesso às diferentes informações por todos, ou a maioria das pessoas, provocaria uma nova forma de se buscar o conhecimento e, sobretudo de conceber as diferentes formas de aprender e ensinar.

Retomando o pensamento sobre o contexto da EFI escolar hoje, pode-se afirmar que este componente curricular anda na contramão do que apregoa a teoria da Reliação dos Saberes de Morin (2003). Segundo Darido (2003), é possível identificar nas mais diversas pesquisas que as estratégias, adotadas por muitos professores baseiam-se exclusivamente na aplicação de conteúdos, avaliações, objetivos e metodologias tradicionais, apreendidos nos cursos de formação docente que apresentam, normalmente, um currículo voltado para a dimensão esportivista e/ou tecnicista da EFI. Não há preocupação em tornar os conteúdos significativos para a vivência coletiva, com as preocupações ambientais e nem com a consciência ética.

Entretanto, é necessário um rompimento paradigmático com estas práticas tradicionais que assolam as experiências perpetuadas pela EFI nas escolas de hoje. A BNCC (2017) aponta para a necessidade de relacionar às práticas corporais a diferentes temas transversais e interdisciplinares. Defende-se a ideia de que a “cultura corporal” pode e deve se apresentar de maneira interdisciplinar relacionando-se às diversas áreas e temas emergentes da sociedade atual.

Na tentativa de compreender melhor o significado do termo interdisciplinaridade, Fazenda (2011, p. 51) esclarece que

O termo “interdisciplinaridade” não possui ainda um sentido único e estável. Trata-se de um neologismo cuja significação nem sempre é a mesma e cujo papel nem sempre é compreendido da mesma forma. Embora as distinções terminológicas sejam inúmeras, o princípio delas é sempre o mesmo: A interdisciplinaridade caracteriza-se pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de integração real das disciplinas no interior de um mesmo projeto de pesquisa.

E transversalidade como sendo:

A possibilidade de se estabelecer, na prática educativa, uma relação entre aprender conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real e de sua transformação (aprender a realidade da realidade). São temas que perpassam os vários e amplos campos

de conhecimento, e que retrata o social, e que, portanto, não se trata de qualquer temática, mas sim de temas relacionados a conceitos éticos, políticos e sociais, que ao se unirem tem como intenção maior, a melhora da humanidade (BRASIL, 1998, p. 30).

Tendo em vista a necessidade de romper com os modelos tradicionais oriundos das práticas higienistas, militares e esportivistas no contexto da EFI, e apoiados nos ideais progressistas alicerçados nos pressupostos da interdisciplinaridade e da transversalidade, cabe o questionamento: Como desenvolver uma prática pedagógica na EFI que apoiada na interdisciplinaridade e na transversalidade seja capaz ou ao menos tente promover e democratizar os diferentes temas da cultura corporal?

De antemão, esta não é uma pergunta fácil de responder, todavia, alguns aportes teóricos já trazem alguns direcionamentos que valem a pena a reflexão. Três diretrizes serão brevemente apresentadas: 1) O Profissional de EFI necessita compreender que seu campo de atuação influencia e é influenciado por diferentes campos de conhecimentos, tais como: a biologia, a antropologia, a psicologia, a cinesiologia etc o que aproxima professores e alunos de um olhar voltado para as relações interdisciplinares; 2) as práticas corporais são tematizadas, organizadas e determinadas culturalmente e, por isso, precisam ser pensadas por um viés transversal, por meio do qual temas da sociedade são percebidos num atravessamento social de emergência. Ética, saúde, pluralidade cultural, orientação sexual são exemplos constatados; e por fim 3) as Tecnologias de Informação e Comunicação, bem como os espaços interativos de aprendizagens podem ser estratégias interessantes para desenvolver boas práticas pedagógicas com os diferentes conteúdos da EFI na escola.

A EFI, como área de conhecimento, possibilita a integração entre várias disciplinas, pois possui uma amplitude de conteúdos no que se refere à cultura corporal. Jogos, Práticas Corporais de aventura (*slackline*, *parkour*), jogos eletrônicos de movimentos, diferentes modalidades de ginásticas e esportes servem também como temas de estudo em outros componentes curriculares quando tratados de forma contextualizada.

Darido (2005) traz uma interessante reflexão ao informar que a divisão dos conteúdos em EFI por matérias, como ocorre hoje na maioria das escolas brasileiras, caracteriza um modelo cartesiano, que favorece a fragmentação do conhecimento científico. Tal processo afasta as relações interpessoais, as relações humanas e as diferenças de olhares. O aluno deixa de compreender outros aspectos importantes, tais como: os aspectos históricos das práticas corporais, as formas de jogo em diferentes culturais etc, normalmente, as dimensões conceituais

e atitudinal são esquecidas. Desta forma, os aspectos ligados ao “fazer” (procedimental) acabam sendo os mais valorizados, portanto vê-se perpetuar a lógica mecanicista de encarar os movimentos corporais nas escolas. O corpo máquina continua sendo aquele que exclui, que segrega, que discrimina, pois nesta lógica da performance e da execução não há espaço para os corpos diferentes e para o pensar plural.

Darido (2005, p. 81) afirma que:

É preciso ressaltar que a interdisciplinaridade não invalida os contornos específicos de cada disciplina, até porque não se pode falar em interdisciplinaridade sem disciplinas, assim como não há internacional sem nações. Ela não se confunde com polivalência e, portanto, não anula o conhecimento específico nem o papel de cada profissional.

Nesse aspecto, é premente a necessidade de se abordar a interdisciplinaridade, entendida como uma lógica da descoberta, uma abertura recíproca, uma comunicação entre os domínios do saber, uma fecundação mútua e não um formalismo que neutraliza todas as significações, fechando todas as possibilidades (FAZENDA, 2011). A Interdisciplinaridade permite uma reflexão aprofundada, crítica e salutar sobre o funcionamento do saber, E, em se tratando dos processos formais e não formais da educação, os professores podem reconstruir suas práticas pedagógicas, explorando as singularidades dos educandos e desenvolvendo nestes a formação crítica.

Embora se compreenda a lógica da escola em organizar as disciplinas para se promover o processo de socialização e sistematização dos conhecimentos, é inviável conceber esses conhecimentos restritos aos limites disciplinares.

Ao se pensar nas práticas transversais possíveis na EFI, logo nos vem em mente os “Temas Transversais”, atualmente também denominados por “Temas Emergentes”, segundo a BNCC (BRASIL, 2017). O documento que dá continuidade aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’s) propõe os seguintes temas de trabalho: Ética, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural, Saúde, Orientação Sexual, como também Trabalho e Consumo. Estes contemplam os problemas da sociedade brasileira, buscando em sua abordagem encontrar soluções e conscientizar os sujeitos acerca de diferentes problemas e situações, por isso devem ser trabalhados na escola e em outras instituições educacionais atravessando/cruzando todas as disciplinas.

Busquets *et al.* (2001, p. 36) nos colocam que:

Os temas transversais destinam-se a superar alguns efeitos perversos – aqueles dos quais a sociedade atual se conscientizou que, junto com outros de grande validade, herdamos da cultura tradicional. Estas questões devem ocupar um

lugar secundário no ensino só por que não faziam parte das preocupações da ciência clássica? Se fizéssemos isso estaríamos concedendo mais importância às preocupações do passado que às do presente, isto é, estaríamos vivendo e educando com o olhar voltado para trás. Introduzir no ensino as preocupações mais agudas da sociedade atual não significa deslocar as matérias curriculares, embora a vigências e a adequação de muito de seus conteúdos sem dúvida deverão ser revisadas, em alguns casos porque são de valor formativo duvidoso e em outros porque contradizem claramente os princípios subjacentes aos temas transversais (não se pode valorizar a paz exaltando a guerra, ao mesmo tempo, nem fomentar a igualdade entre os sexos destacando apenas as ações realizadas por homens, por exemplo).

Ao optar por uma postura transdisciplinar ou transversal de conteúdos, torna-se importante compreender que os professores passarão a auxiliar a sociedade no tratamento de seus grandes problemas sociais. Assim, isto não significa tratar apenas das técnicas e táticas corporais, entretanto, significa oferecer uma formação ampla voltada à formação do cidadão crítico. Ou seja, a finalidade é possibilitar aos alunos que, durante e após as suas práticas, eles possam usufruir do esporte para o lazer, para a melhoria da qualidade de vida e para a reflexão crítica. Para tanto, pretende-se que este cidadão, a partir das aulas, tenha condições de reivindicar espaços de lazer, repudiar formas de violência no esporte e na sociedade, criticar o uso dos anabolizantes no esporte e na atividade física, compreender o papel do futebol na cultura brasileira, cuidar do meio ambiente, respeitar diferentes grupos étnicos, compreender diferenças entre homens e mulheres (DARIDO, 2005).

Após compreender os pressupostos didáticos e pedagógicos de uma prática interdisciplinar e transversal, cabe discorrer um pouco sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nas aulas de EFI, por acreditar que esses espaços interativos de aprendizagens e os recursos tecnológicos de todo modo podem funcionar como estratégias e escolhas metodológicas que acompanham a ideia de uma EFI contextualizada.

De acordo com Belloni (2001), o impacto do avanço tecnológico, como um processo social, repercute na educação, na comunicação, no trabalho, no lazer, nas relações pessoais e familiares, na cultura, no imaginário e na identidade etc., de maneira muito forte, embora tal avanço seja percebido de diversos modos e estudado a partir de abordagens diversas. Portanto, o processo de ensino e aprendizagem deve ser ressignificado, a fim de estimular os alunos a utilizarem diversas fontes de informação utilizando as TICs em benefício do processo.

As TICs configuram-se como boas estratégias para serem utilizadas na EFI, principalmente na Formação de Professor para construir uma nova prática e sugerir novas tendências, incentivando o uso colaborativo da tecnologia. Elas contribuem para constituição

de novas formas de conhecimento, novas significações e valores. O professor engajado na prática interdisciplinar, conduzindo devidamente o uso das TICs, permite aos educandos o acesso rápido e variado às informações, boa interação e tendência inclusiva.

Nessa senda, pode-se reconhecer a importância da tecnologia na prática escolar, como propõe Valente (1998, p. 142), no que diz respeito ao uso do computador na educação, que “não significa a soma de informática e educação, mas a integração dessas duas áreas”. A necessidade de reflexão crítica perante as bases curriculares e as práticas pedagógicas na escola rompe com a compreensão linear do conhecimento, dialogando com as inovações e com as tecnologias voltadas às práticas docentes, dando mais espaço para que os estudantes participem mais ativamente no processo de ensino e aprendizagem (TEDESCO, 2004).

Betti (2001) também destaca pontos positivos da utilização dos recursos tecnológicos no espaço escolar da EFI e sugere aspectos como a motivação ao debate e à reflexão por envolver assuntos atuais, que constituem o cenário social em que se inserem os estudantes, a presença de diferentes formas de linguagens, que ampliam as possibilidades nas aulas, assim como a abordagem de novos materiais, criando estratégias para superar a rotina escolar. Portanto, a EFI deve aproveitar o papel que ocupa na escola para contrastar os conhecimentos advindos da cultura corporal com as experiências do “[...] assistir, ler e ouvir enquanto consumidor das mídias” (BETTI, 2001, p. 128).

Os professores que abraçam o desafio da auto-atualização, criando práticas que envolvam os estudantes proporcionando-lhes maneiras diversificadas de saber, “capacitarão seus educandos para viver profunda e plenamente os seus interesses” (HOOKS, 2013, p. 36). Como bem pondera a autora, “os professores que ainda ensinam suas matérias do mesmo jeito de antigamente, muitas vezes, se sentem entediados, incapazes de reacender a paixão; muitos têm medo desse desafio e de perder o controle, o que sobrepõe o desejo de ensinar” (HOOKS, 2013, p. 263).

O professor, em especial na EFI escolar, utilizando-se das TICs, poderá estimular discussões interdisciplinares e transversais de forma crítica, significativa e reflexiva. Desde a relação entre as demais disciplinas, passando pelo entendimento e intervenção juntos aos grandes problemas sociais, até as análises de dados ligados aos ambientes interativos e virtuais de aprendizagem, assunto que merece e desperta atenção dos jovens de hoje, chamados “nativos digitais”.

Abordar e incorporar no dia a dia da EFI temas como: Interdisciplinaridade, Transversalidade e Tecnologia poderá possibilitar uma vivência mais contextualizada e reflexiva ao relacionar os temas da cultura corporal a assuntos de emergência social e cultural, além de possibilitar a quebra do paradigma de que todo e qualquer conhecimento precisa ser ensinado pelo professor.

### **3 Considerações finais**

Ao relacionar as diferentes possibilidades da cibercultura e das tecnologias educacionais, o professor de EFI abre espaço para problematizar, interpretar, relacionar, compreender com seus alunos as amplas manifestações da cultura corporal de tal forma que os alunos compreendam os sentidos e significados impregnados nas práticas corporais, tanto nas experimentações, quanto pelas pesquisas e viagens pelos ambientes virtuais, de maneira geral.

O que merece destaque também é o reconhecimento das potencialidades e dos benefícios que as TICs poderão oferecer para o processo de democratização em diferentes práticas corporais contemporâneas nas aulas de EFI e fora dela. A utilização de diferentes aplicativos e das redes sociais também poderá facilitar a vivência de diferentes práticas da cultura corporal que, por hora, realmente são difíceis de serem desenvolvidas, seja pela falta de espaço, pela falta de material ou pelo pouco domínio técnico e pedagógico que o professor apresenta em relação à utilização das tecnologias educacionais para a construção de práticas pedagógicas em EFI.

As informações acessadas pelas conexões nos ambientes virtuais podem ser simplesmente informações ou dados isolados. De fato, tais informações se transformarão em conhecimentos quando alunos e professores se apoderarem deles para construir novos saberes que sejam significativos, que promovam a interação e os relacionamentos restauradores. Nada substitui o ouvir, o falar, as trocas de experiências e o compartilhamento de ideias. Seja como recurso, como estratégia ou como prática pedagógica as TICs só fazem sentido e ganham importância quando renovarem o modo de ensinar e aprender na sala de aula.

### **Referências Bibliográficas**

BELLONI, M. L. **Educação à distância**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2001.

BETTI, M. **Mídias: aliadas ou inimigas da educação física escolar**. Motriz. São Paulo, v. 7, n. 2, p. 125-129, 2001.

BETTI, M.; ZULIANI, L. R. **Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas**. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte. São Paulo, v. 1, n. 1, p. 73-81, 2002.

BRACHT, V.; TAFFAREL, C. N. Z.; SOARES, C. L.; CASTELLANI, L. F.; VARJAL, M. E. M. P.; ESCOBAR, M. O. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_20dez\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf). Acesso em: 22 de dezembro de 2017.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física, 3º e 4º ciclos**. v. 7, Brasília: MEC, 1998.

BUSQUETS, M. D.; CAINZOS, M.; FERNANDÉZ, T.; LEAL, A.; MORENO, M.; SASTRE, G. **Temas transversais em educação: bases para uma formação integral**. São Paulo: Ática, 2001.

DARIDO, S. C. **Educação física na escola: questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

DARIDO, S. C. **Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

FAZENDA, I. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia**. 6ª edição. São Paulo: Loyola, 2011.

HOOKS, B. **Ensinando a Transgredir – A Educação Como Prática Da Liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolia. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

MORIN, E. **A Cabeça Bem-Feita: Repensar a Reforma, Reformar o Pensamento**. Tradução: Eloá Jacobinar. 8ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

NEIRA, M. G. **Educação Física cultural**. São Paulo: Blucher, 2016.

OLIVEIRA, C. B. **Mídia, Cultura Corporal e Inclusão: Conteúdos da Educação Física Escolar**. Lecturas: Educacion Física y Deportes. Buenos Aires, v. 10, n. 77, p. s/p, 2004.

PICCHETTI, C. N. **A perspectiva da cultura corporal na educação física escolar: elementos para a construção de uma proposta pedagógica a partir do trabalho com os temas**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010.

TEDESCO, J. C. (Org.). **Educação e novas tecnologias: esperança ou incerteza?** São Paulo: Cortez, 2004.

VALENTE, J. A. **Computadores e conhecimento: repensando a educação.** Campinas: UNICAMP, 1998.